

A figura de *Maria*: do mito ao altar

Nancy A. Arakaki

O desenrolar das discussões acerca de “O sagrado feminino: das origens ao cristianismo” nos conduziram a elaborar uma breve reflexão sobre a figura da mulher na sociedade religiosa e familiar sem demarcação temporal. Abordando uma perspectiva histórica mais precisamente arqueológica procuramos traçar a figura de Maria – mãe de Jesus – como ícone valorativo da mulher no âmbito de uma tentativa de resgatar o valor feminino em diferentes sociedades e culturas.

Adotamos como objeto para esta reflexão o poema de Santo Efrem à Virgem Maria (373 d.C) que permite a elaboração retroativa à mitologia grega com foco nas deusas e respectivos símbolos.

Santo Efrem em poema sobre a Virgem Maria (373 d.C.)

Maria deu o Fruto doce à humanidade
E a lei do Senhor é uma grande bênção.
No lugar do fruto amargo que colhera Eva,
Pelo Fruto de Maria toda humanidade se delicia.

A árvore da vida escondida no Paraíso,
Dentro da Virgem Maria foi semeada
E dela nasceu, e sob sua sombra
A humanidade se sentou
E aos distantes
E aos próximos
Seus frutos espalhou.
(Apostila da aula 4)

O Cristianismo emerge do século IV a partir da posição e ações de padres, bispos que se destacam na defesa e manifestação da figura de Maria – mãe de Jesus – como a intercessora entre Deus e os homens. Nessa centúria surge Efrem – diácono e doutor da Igreja. Podemos aventar a hipótese de que por esta ocasião há uma forte corrente para entronizar Maria e a ela prestar culto e homenagem.

As semelhanças entre as deusas da mitologia grega e características delineadas em Maria – mãe de Jesus – podem ser vistas como transferência imagética dos traços de mãe, de poder; de intercessora; de rainha; etc.

Tomando como referência o verso 1 – *Maria deu o Fruto doce à humanidade* – reportamo-nos aos arquétipos pois “são estruturas mentais ancestrais que moldam nossa mente e de toda a humanidade” (Meyer, 2021, apostila da aula 2). Sendo assim é

possível a associação a partir dos arquétipos femininos na Mandala tradicional em que se constata a “grande mãe” ao centro rodeada por seus atributos femininos: poder; mãe; beleza; etc. Cada um desses atributos está simbolizado no papel da mulher na sociedade como mãe; líder; esposa; prostituta; noiva; filha; viúva; virgem; guerreira. E, a cada um desses atributos femininos encontra-se a presença de uma deusa tais como Athena, deusa grega, conhecida como Minerva pelos povos romanos, é a divindade da sabedoria. Isto demonstra a interação cultural em que valores, crenças e imagens são adotadas por sociedades e culturas distintas o que permite no presente encontrarmos traços da figura feminina em imagens e até mesmo nas crenças quer religiosas, quer lendárias.

É sob esta perspectiva que tomamos os “símbolos arquétipos femininos” para reconhecimento do papel e do valor da mulher nas sociedades primitivas e perpetuados até as sociedades contemporâneas.

Assim, em “*Maria deu o Fruto doce à humanidade*” reconhecemos os símbolos “rainha; fonte e árvore”. Rainha por remeter a poder, à soberania; fonte por remete ao princípio; ao nascimento e árvore por remeter a frutos. Portanto, Maria representa a figura feminina que trouxe ao mundo Jesus – divindade. E somente ela pode ser a intercessora entre o divino e os homens.

Lembramo-nos a oração “Ave Maria”: Ave Maria, cheia de graça (...) bendita sois vós entre as mulheres; bendito seja o fruto de vosso ventre (...)” nascida e perpetuada pelos católicos romanos.

Ao retomarmos as deusas da mitologia grega reconhecemos tais características na deusa Isis a partir do registro do “Símbolo da árvore no sagrado feminino”:

Árvore Cósmica Axis mundi (centro do mundo) centro gerador da criação - Árvore da Vida fertilidade/ imortalidade – Árvore do Conhecimento longevidade /sabedoria/ conhecimento (MEYER, 2021, aula 2).

Dessa forma, os símbolos “mãe – quanto à concepção e à gestação” aliados ao papel de mulher rainha é reconhecido no imaginário coletivo e associado à mãe como aquela que cuida, que alimenta, que cria e quem zela por todos que estão sob sua tutela.

A mitologia grega registra a deusa Isis – 1ª. rainha do Egito – ela quem amamentou Órus. Este símbolo também é encontrado na figura de Maria alimentando o filho Jesus “batizada” e conhecida como *Maria Lactans* - *Nossa Senhora do Leite*, esculpida na primeira metade do século XVI.



As escrituras registram cenário semelhante como a saudação de Isabel a Maria:
Bendita é você entre as mulheres, e bendito é o filho que você dará à luz. (Evangelho de Lucas, 1:42)

Esta visão do Sagrado em torno do feminino permite-nos uma visão mais abrangente sobre o papel valorativo da mulher na sociedade e cultura de ontem, de hoje e de amanhã. O resgate desse valor natural é capaz de fomentar a conscientização sociocultural em torno da mulher e suas funções sociais no relacionamento mais afetivo e mais humano de *si para si* e *de si para o outro*.

E por assim dizer, é que encontramos nos altares católicos a imagem de Nossa Senhora Rainha cercada por anjos; por apóstolos e até mesmo sendo coroada pela Santíssima Trindade.

Referências bibliográficas

MEYER, Lídice. O Sagrado Feminino no Cristianismo. Junho 2021,

Santo Efrem. [Santo Efrém, o Sírio – Cítara do Espírito Santo | Revista Arautos do Evangelho \(revistacatolica.com.br\)](#) Acesso em 18.06.2021

[Maria Lactans - Nossa Senhora do Leite, Séc. XVI 1ª metade - Casa-Museu Medeiros e Almeida](#)